

LIDA E FILOSOFIA

Écio Elvis Pisetta

Doutorando em filosofia pelo IFCS-UFRJ

Resumo: Pretendemos demonstrar algumas relações entre a atividade de lidar com as coisas (*Zuhandenheit*) e o confronto com a realidade simplesmente existente (*Vorhandenheit*) observando o papel que cabe à atividade filosófica. Nosso trabalho toma como ponto de partida algumas idéias de *Ser e tempo* de M. Heidegger, mas não exclusivamente. O questionamento filosófico deve poder sempre de novo questionar a si mesmo.

Palavras-chave: Lida. Ser simplesmente dado. Filosofia.

Abstract. We will demonstrate some connections among handness (*Zuhandenheit*) and the confrontation with the objective presence (*Vorhandenheit*), paying attention to the task and responsibility of the philosophical activity. Our article grows up since some ideas from *Being and Time* of Martin Heidegger, but not only. The philosophical work must always be an activity that interrogates your own ideas.

Key-words: Handness. Objective presence. Philosophy.

Introdução

Lida em que sentido uma reflexão acerca do nosso modo de lidar com as coisas pode nos orientar na filosofia? Apresentaremos alguns pontos que nos auxiliam a pensar estes dois momentos, tendo como pano de fundo o pensamento de Martin Heidegger em sua obra *Ser e tempo*. Este esforço, inevitavelmente, também se confrontará com a compreensão do ser como simplesmente dado. Em todo caso, lida e ser simplesmente dado são dois modos possíveis da *pre-sença (Dasein)*¹ e

expressam a própria tensão da existência humana. Pertence à filosofia o esforço de demonstração desta tensão segundo os matizes próprios de cada época e de cada pensador.

Lida (manualidade, *Zuhandenheit*) e ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*) são "jeitos" diferentes de apreensão da realidade e expressam, à sua maneira, um conflito presente no pensamento ocidental. Como pensá-los?

Pensar o real é pensar em primeiro lugar aquele ente implicado em toda possível forma de relacionamento; é pensar aquele ente através do qual o real ganha expressão, vem a ser: o

citado, à p. 309. Usaremos também a abreviação ST para *Ser e tempo*.

¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti-Schuback. Parte I e II. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988. Os principais termos filosóficos usados neste artigo acompanharão a tradução brasileira, em especial o termo "*pre-sença*" (sempre grifado), como tradução de "*Dasein*". O leitor pode conferir uma justificativa para esta tradução nas notas explicativas do volume

homem. O homem é *pre-sença*, *Da-sein*. É preciso expor como é este ente "antes de tudo e na maioria das vezes", isto é, antes de qualquer idéia elaborada acerca de sua essência. Neste sentido ele é pensado desde sua realidade cotidiana onde se encontra lidando com as coisas, usando, fazendo, absorvido num mundo de possibilidades ocupacionais. A lida se mostra não como um aspecto prático em oposição a um teórico, mas como o modo de ocupação exemplar, prévio a toda outra ocupação, como a filosofia e a ciência, por exemplo. Antes de tomarmos "consciência" do que são as coisas já estamos manuseando-as de alguma forma. Mas a lida não significa uma ausência de teoria. Ela tem sua própria teoria e prática, atidas ao conjunto, ao seu contexto de trabalho. Nela, "um instrumento isolado é impossível"². Antes de nos tocarmos do que estamos fazendo e de como estamos fazendo, já estamos fazendo, agindo, lidando. Já estamos num contexto de remissões possíveis. Esta situação de base já absorveu a *pre-sença* num mundo de relações, numa unidade fenomenal que recebe o nome de "ser-no-mundo" (*in-der-Welt-sein*).

E o ser simplesmente dado? Cada *pre-sença*, de saída, já se encontra num mundo já feito, orientado por idéias já elaboradas, por deveres e leis já estruturados, por um mundo já constituído. Parece até que tudo já está feito independente dela. Mas o

óbvio e seu conjunto de evidências constitui exatamente o material contra o que a *pre-sença* forja o seu ser, mesmo não tendo clareza disto. Aparentemente o único papel que caberia à *pre-sença* seria adequar-se a esta tradição. Mas "adequar-se" pressupõe uma certa tarefa, uma atividade, que pertence a cada *pre-sença* particular e que não lhe é dada num sentido unilateral. O aspecto de atividade, lida, da *pre-sença*, assume um lugar decisivo. Para a *pre-sença*, "ser" não é um "fato acabado", mas "possibilidade de ser". O que é de antemão o mais óbvio, o conjunto do que já lhe foi dado em sentido amplo e o que a influencia constantemente, não é o que a *pre-sença* experimenta como seu antes de tudo e na maioria das vezes. É desde a ação, desde a lida, que mundo e *pre-sença* se descortinam existencialmente, e não como seres simplesmente existentes. Num sentido geral e que deve se tornar mais claro posteriormente podemos dizer que a relação entre lida e ser simplesmente dado é uma relação de combate, de sedução e de luta, relação imanente à própria constituição da *pre-sença*.

Qualquer *pre-sença* pode e está sempre na possibilidade de tomar a realidade como já dada, pronta, e nela se acomodar. Isto em qualquer campo: filosofia, arte, linguagem, direito, antropologia, história, ciências positivas, literatura, etc. Assim conferimos ao termo "ser simplesmente dado" um sentido amplo e problemático. Precisamos observá-lo como um possível comportamento ou tendên-

² ST, § 69 a, parte II, p. 152.

cia da *pre-sença*. O termo *Vorhandenheit* é usado em *Ser e tempo* para designar o modo de ser da coisa enquanto o que se dá simplesmente antes e diante (*vor*) de qualquer especificação (*Hand* = mão, uso), *mesmo* científica³. E o que significa isto? Significa que o ser simplesmente dado é visto como uma espécie de posição não percebida, de "conteúdos cristalizados", *obviedades*, *positum*.

A necessidade que surge em *Ser e tempo* de distinguir filosoficamente a compreensão de "*pre-sença*" das compreensões quiditativas de "homem" ou de "essência humana", e também a compreensão de lida da de ser simplesmente dado, pode ser visualizada no esforço inicial de distinguir os existenciais das categorias. Há aqui um confronto criativo com a tradição filosófica.

1. As categorias, os existenciais e a *pre-sença*.

O que são as categorias? São as determinações constantes do ser, hauridas do esforço de interpretação-determinação-domínio da realidade. O que é, o real, deve tornar-se visível para o pensamento interrogador por meio das categorias. Elas são como que fronteiras possíveis de expressão e apreensão do ser, as noções mais gerais e fundamentais do real, do ente, válidas para todos e orientadoras de toda investigação. Elas foram forjadas no ambiente grego e tornaram-se fundamentais para o desen-

volvimento de todo o pensamento ocidental.

Katagoreistai é a interpelação previamente feita em toda e qualquer discussão (*lógos*) sobre o ente. A palavra *katagoreistai* significa: acusar publicamente, dizer na cara de alguém diante de todos. Numa perspectiva ontológica, a palavra significa: dizer na cara dos entes o que, como ente, cada um deles é, ou seja, deixar e fazer todos verem o ente em seu ser⁴.

O pensamento sempre procurou determinar a totalidade do real, sempre buscou sua essência ou fundamento, o *hypokeimenon*. O esforço de tornar transparente esta quididade, esta unidade primária e de pensá-la em seus possíveis modos de ser, fez com que ela fosse descrita por meio das relações entre a substância ou a essência e seus acidentes, como variações possíveis dessa mesma substância. A substância acontece como acidente. As categorias tornaram-se as determinações ou fixações mais gerais deste trabalho. Para Heidegger o problema é como, em geral, a tradição se apropriou e levou adiante este esforço: o ser e suas categorias foram tomados como "dados", como fórmulas fixas. As categorias, como determinações da compreensão do ser como ser simplesmente dado, estão postas *a priori*, no sentido de propiciarem uma apreensão antecipada para todos do ser. O ser tornou-se, previamente, subordinado às categorias. Por meio das categorias apreende-se a substância, a quí-

³ Cf. vocabulário no final da parte I de ST, p. 311.

⁴ ST, § 9, p.80-81.

didade. A tradição filosófica tornou-se a descrição das categorias previamente dadas do ser.

A tradição que compreende o ser a partir das categorias é insuficiente para colocar a questão do sentido do ser em geral. Faz-se então necessária uma destruição da história da metafísica. Esta destruição é uma repetição, no sentido de pensar novamente a tradição. Mas repetir não é simplesmente copiar o já feito. É antes assumir de novo o que nas determinações do ser compreendido como ser simplesmente dado, não foi pensado. Por isso é necessário voltar ao começo, ao processo gerador e construtor da realidade. Este deve ser existencial e deve, como tal, buscar a gênese do ser que permanece pressuposta, estagnada, impensada, nas próprias categorias. Heidegger conquista este novo ponto de partida a partir dos existenciais, como modos de ser da *pre-sença*, experimentada não mais como um ser simplesmente dado, mas como tarefa de apropriação, de vir a ser, de fazer-se, de possibilidade. Assim, as categorias compreendidas como elementos dados e os existenciais constituem dois modos distintos de compreensão do ser que não podem ser confundidos. A demonstração da *pre-sença* em sua cotidianidade mediana, lidando, apresenta, em *Ser e tempo* o modo de ser da *pre-sença*, do homem, antes de suas possíveis determinações categoriais, antes do ser do homem ser concebido como algo simplesmente dado, como dotado previamente de uma quiddidade.

As características constitutivas da *pre-sença* são sempre modos possíveis de ser e somente isso. Toda modalidade de ser deste ente é primordialmente ser. Por isso, o termo '*pre-sença*', reservado para designá-lo, não exprime a sua quiddidade como mesa, casa, árvore, mas sim o ser⁵.

Se as categorias são determinações dadas *a priori* para todo e qualquer ente, os existenciais são as estruturas *a priori* da *pre-sença* e, como tal, a possibilidade para toda e qualquer determinação categorial. Só pode sofrer alguma determinação categorial o ente que já se apresentou *sendo* num determinado modo de ser. A compreensão categorial desconsidera que, *para nós*, o ente é primeiro segundo o modo de ser do instrumento, do uso. Neste sentido as categorias, desde *Ser e Tempo*, são derivadas, *a posteriori*.

A questão é que, em geral, o ser simplesmente dado não foi assumido suficientemente *como* problema. Uma determinada compreensão de ser, a saber, a compreensão que entende o ser como presença, como fundamento imutável, assumiu sempre um papel preponderante que permaneceu inquestionado. Esta compreensão foi, assim, sempre passada de mão em mão, como uma moeda de troca. E o problema da sua proveniência permaneceu velado. Assumir e compreender o ser desta forma, pode-se dizer, carece de uma radical tematização do problema do ser e, junto com isto, da essência do ho-

⁵ ST, § 9, p.77-78.

mem. A *pre-sença* sempre já herdou esta determinação do ser como ser simplesmente dado. Esta atitude acaba eximindo, em geral, a *pre-sença*, de ter de fazer tudo de novo, de ter de se haver com seu próprio ser. Os existenciais (*pre-sença*, ser-no-mundo, manualidade, compreensão, interpretação, de-cadência, etc.) procuram retomar esta tarefa.

O modo, pensado a partir dos existenciais, determina sempre o "jeito" como o ente é cada vez compreendido, interpretado, isto é, pensado e assumido. *Zuhandenheit* (ser para...) e *Vorhandenheit* (ser simplesmente dado, ser isto) expressam, então, a tensão original, o perigo presente na tarefa de assumir o "dado" como seu. Quando a tensão afrouxa e abre espaço para uma autonomia categorial (científica, filosófica, religiosa, etc.), afrouxa também o modo como a *pre-sença* assume sua existência no modo do questionamento. O próprio questionamento, como uma ocupação possível da *pre-sença*, é sempre a atividade radical desde onde todo modo possível de ação pode ser visualizado e descrito em sua proveniência. Será que esta atividade foi suficientemente assumida em sua radicalidade?

Existenciais e categorias são as duas possibilidades fundamentais de caracteres ontológicos. O ente, que lhes corresponde, impõe, cada vez, um modo diferente de se interrogar primariamente: o ente é um *quem* (existência) ou um *quê* (algo simplesmente dado no sentido mais am-

plo)⁶.

Existe entre estes dois modos uma oposição. Um refere-se ao modo de ser da *pre-sença* e ao ente que lhe corresponde existencialmente; outro, ao ser e ao ente como também ao homem num sentido quididativo, como um "quê", que aí está, desconsiderando, em geral, a remissão intrínseca entre o "quê" com o "quem", a *pre-sença*. Estes dois modos são também dois modos de abordagem do real implicando, por conseguinte, numa apreensão distinta do ser, isto é, da realidade. No entanto a compreensão da realidade como simplesmente dada carece de uma abordagem existencial.

"Esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo *pre-sença*"⁷. Ao fazermos uma pequena incursão nos inícios da metafísica, para exemplificar a tensão acima anunciada, nosso olhar já estará sendo conduzido pelo modo tradicional-categorial de compreender as coisas, modo esse que herdamos historicamente e dentro do qual sempre já nos encontramos, mas também pelo modo existencial, à luz de *Ser e tempo*, modo que já compreendeu a abordagem categorial como uma possibilidade historicamente assumida.

De início as estruturas existenciais da *pre-sença* estão encobertas em sua

⁶ ST, § 9, p. 81.

⁷ ST, § 2, p.33.

cotidianidade mediana. Elas pertencem a um nível pré-científico de ser. Nós não as percebemos na atenção do pensamento. De imediato “vemos coisas”. Isto não quer dizer que, a partir da analítica da *pre-sença*, as estruturas mais imediatas sejam as que pertencem ao modo de ser simplesmente dado. Antes o contrário. De início nós não experimentamos as coisas em si, mas sempre o uso. O fato de imediatamente vermos, percebermos os entes como coisas, não quer dizer que, imediatamente, experimentamos os entes como coisas em si existentes. Isto apenas significa que o que é mais e radicalmente imediato, é o que de início, nos escapa. O caráter de uso sempre nos escapa. Por isso é que, segundo Heidegger, “sempre se passou por cima (da constituição ôntica da *pre-sença*) e sempre se passará”⁸.

Uma *pre-sença*, então, sempre encontra os entes sob duas possibilidades gerais de ser: sob o modo de ser do instrumento, como algo que serve para... ou sob o modo do ser simplesmente dado, isto é, como coisa independente da relação de uso, algo que está ali, antes de tudo como dotado de uma determinada constituição em si. Mas estes dois modos possíveis de ser mantém entre si uma *conexão*: o segundo subordina-se ao primeiro quanto à sua possibilidade de ser, isto é, um é originário, o outro, secundário; o uso encontrou o ente pela primeira vez como o que é usado para..., o outro já contou com

este encontro primário e tomou esta possibilidade como dada sem pôr em questão sua origem. Mas, por outro lado, sob o ponto de vista do pensamento interrogador, o primeiro subordina-se ao segundo quanto à sua “descoberta teórica”, isto é, foi desde a indagação acerca da origem do ser simplesmente dado, isto é, do ente que aí está, que se pôde visualizar todo um estrato de experiências prévias e reorientar a reflexão filosófica a partir delas. Precisamos ter em vista a atividade do pensamento, atividade tão antiga e nova, que quer sempre autonomamente explicitar para si o ser e, neste esforço, colocar a si mesma em questão. Se conferimos à relação com o instrumento, a lida, um privilégio, vejamos como esta experiência pode justificar este direito.

2. Lida e Compreensão

A manualidade sempre já compreendeu o ente como o que serve para... O que esta compreensão, em seu modo de ser, sempre já revelou? Revelou que a *pre-sença* já detém uma certa compreensão de si, do mundo, dos entes à mão... Revelou que esta compreensão não é categorial, não é lógico-conceitual... Uma pedra, um carro, uma caneta, como seres simplesmente dados são, num sentido um tanto superficial, “sem mundo”, isto é, são “algo” independentemente de seu caráter remissivo no uso. Mas, em contrapartida, o homem, como *pre-sença*, já sempre foi tocado por um mundo de possibilidades de relações frente às quais se comporta desta ou daquela maneira. Os entes

⁸ ST, § 9 p. 79.

intramundanos são os entes que aparecem para a *pre-sença* neste toque, o toque de já ser para... E a *pre-sença*, como poder-ser, como livre para..., já sempre se decidiu por uma relação determinada. Ora, antes da *pre-sença* ter descoberto o ente como simplesmente dado, ela já sempre o encontrou numa serventia. Neste sentido o modo primário pelo qual nós encontramos os entes não é, por exemplo, o comportamento teórico-científico, mas o uso. De certa forma, quando nos dispomos ao uso, nós não possuímos previamente um saber explícito de como devemos usar. Não sabemos como usar antes do uso, se por "saber" entendermos a retenção prévia de todo um arcabouço de conhecimentos teórico-práticos que possam conduzir retamente a atividade de uso. É o próprio uso, isto é, a experiência, que nos fornece um certo saber acerca do ente. Mas como poderíamos nos ater a algo, usar, se, de certa forma já não tivéssemos uma certa orientação de como ir ao ente? Como poderíamos estar direcionados para um mundo de serventias se já não soubéssemos, de alguma forma, como ir para...? *Que orientação prévia é essa? A pre-sença já sempre detém em seu ser uma certa compreensão de ser do que está à mão como condição de possibilidade da ação. Esta compreensão prévia não é um saber acerca de algum instrumento como coisa em si. E, no entanto, esta compreensão já está sempre presente no e como possibilidade para o uso. Ela é imediata, repentina, isto é, já aconteceu no ato. Em geral não lhe damos muita*

*atenção, simplesmente porque já sempre a temos conosco em nossas "mãos". Damos mais atenção às coisas, aos entes, que nos afetam. Damos mais atenção às coisas feitas e não ao processo de virem a ser o que são. Mas sem esta compreensão não haveria uso, nem conhecimento teórico algum. Deve-se dizer, também, que esta compreensão jamais se torna objetiva, jamais se torna um conceito lógico, geral, que poderia servir para ulteriores desdobramentos categoriais. E não carece disso. Ela é antes um existencial da *pre-sença* que deve ser percebido em seu modo de ser e não como algum conceito universal. Esta sua inaptidão conceitual não é um defeito. Pertence intimamente à própria ação, ou melhor, corresponde ao ser da atividade. A compreensão que a lida sempre já detém, é um saber pré-conceitual, pré-científico, pré-ontológico que permanece, portanto, velado, pressuposto, sempre esquecido. Há aqui um dado extremamente positivo. O fato desta compreensão fazer numa experiência prévia a todo conhecimento teórico-científico e de ser, por isso, geralmente desvalorizada, não a reduz a um simples resto. O esquecimento disto que já sempre está e foi esquecido pelo conhecimento tradicional é que *Ser e tempo* procurou trazer à tona como questão e não como algum *positum*, como algo dado. A realidade desta estrutura prévia, que age subterraneamente, precisa ser pensada. Por quê? O que esta situação nos mostra de fundamental?*

A relação com o instrumento ou com a

natureza é um comportamento em relação ao ente, e o que ali se torna acessível na compreensão citada não é outra coisa que o modo de ser, a constituição de ser do ente. Nós não podemos nos remeter ao ente, ao ente simplesmente dado como ente simplesmente dado a não ser que nós já tenhamos compreendido isto que o ser simplesmente dado significa. Por conseguinte, nós devemos dizer de maneira geral e fundamental: através da compreensão da instrumentalidade que esclarece toda relação com o instrumento, se anuncia o fato de que todo comportamento frente ao ente abriga em si uma compreensão do modo e da constituição de ser deste ente⁹. "Antes do ente, o *ón*, nós já compreendemos o ser¹⁰."

Para nós, este texto ressalta três pontos: a) nós só podemos encontrar o ser simplesmente dado se já tivermos previamente compreendido o que o "dado", em cada caso, significa; b) a relação manual-instrumental (ser-para) nos mostra que toda lida com o ente já sempre compreendeu o ser deste ente como condição de possibilidade para todo uso e manejo; c) esta compreensão, que não aparece de modo explícito, permanece esquecida, velada, mas não é um nada.

O uso nos mostra que a *pre-sença* sempre já compreendeu o ser de uma maneira pré-ontológica, pré-

científica, e que sem esta compreensão prévia do ser, seria impossível compreender o ente em seu ser simplesmente dado. Seria impossível encontrar um ente como "caneta" ou "elétron" se já não tivéssemos um saber acerca deste ente. Desta forma o ente, o que sempre encontramos, já sempre nos foi dado de uma determinada maneira (um *como*), num modo de ser, numa interpretação. Mas este modo de ser, o ser do ente que está aí, não foi acrescido *a posteriori* por algum investigador. Ele é prévio, mesmo quando não considerado desta maneira pelo investigador. Temos este ente, porque, previamente, já compreendemos seu ser. O trabalho de esclarecimento acerca deste ser ou do fundamento deste ser, é posterior. A mão já sempre soube como pegar adequadamente ou não algo. Esta compreensão permanece sempre velada. Mas isto não quer dizer que ela não exerça uma certa força, uma certa pressão, um certo desejo de querer aparecer. Quando nos deparamos com o ente, ali dado, a memória deste esquecimento prévio do ser nos assola. No "pré" da *pre-sença*, onde já ocorreu uma compreensão-interpretação, há uma ressonância desta situação. Queremos compreender: o que é o ente? Mas já o pré-compreendemos. Já compreendemos o ente em seu ser para poder vê-lo, tocá-lo, de alguma forma. No entanto, não de uma forma explícita. A compreensão que a partir daí se elabora acerca do ente, seja de que tipo for, está já sempre subordinada a uma compreensão prévia do ser. A explicação pressupõe sempre

⁹ HEIDEGGER, M. *Interprétation phénoménologique de la 'Critique de la raison pure' de Kant*. Ed. Gallimard, Paris, 1982, p. 43.

¹⁰ Idem. *Ibidem*.

o que quer explicar, pressupõe um "o quê", que aí está, e *também* pressupõe um "como" o que aí está, está. Pressupõe, cada vez, o ente em seu ser. Assim, segundo o nosso interesse, todo o esclarecimento acerca do ente como ser simplesmente dado sempre acarretará uma exposição, uma demonstração, da compreensão prévia do ser, ou seja, das estruturas sempre prévias, não conceitualizadas, mas que, como fenômenos, sustentam o ente em seu ser. Seria impossível saber algo acerca do ente se, de antemão, já não soubéssemos algo do ser.

Apresentamos assim o sentido em que a atividade de lidar com as coisas tem uma preponderância sobre o encontro com o ser simplesmente dado. Ela nos chama a atenção para a compreensão prévia do ser, anterior a toda compreensão categorial. Vejamos agora como esta intuição existencial pode nos orientar para um encontro criativo com a própria ocupação metafísica com o ente.

3. A Lida e o Surgimento da Metafísica

O ser simplesmente dado aponta para uma experiência que não é da ordem dos usos cotidianos. Mas, lembremo-nos de dois pontos: a) Sem a experiência primeira do uso, que encontrou e liberou o ente pela primeira vez numa possível serventia, o ente como dado não poderia ser encontrado; b) No entanto, a ocupação com o ser já dado, de tal maneira que o seu caráter de "simplesmente

dado" seja colocado sob suspeita, é tarefa do questionamento como um modo possível de ser da *pre-sença*. Para questionar é preciso suspeitar! A compreensão mais geral do ser que nos foi sempre fornecida pelas relações de uso serve-nos como fonte desta suspeita.

Diante de algo, de imediato, dizemos que é isto ou aquilo. Mas como ou de onde veio isto que é? Já sempre apareceu. Isto incomoda. A questão metafísica pelo ente nunca pode ultrapassá-lo. É preciso, como que, tomá-lo a sério. O ente está aí. O que é e como é isto que está aí? Insiste-se no perguntar. A metafísica, isto é, a ocupação filosófica, trabalhou com aquilo que, cotidianamente, todo mundo já compreendeu e que, por isso, é "teoricamente" desconsiderado, porque o seu significado já está aí como pressuposto, já foi pré-compreendido. Se por um lado sempre pressupomos, por outro esta situação precisa ser continuamente desalojada de sua obviedade. A metafísica quer explicitar esta experiência, ela quer luz. Luz para compreender aquilo que é e luz para suportar o que não é e nem pode ser.

Como podemos encontrar a experiência metafísica a partir da lida cotidiana?

Toda forma de conhecimento possível já pressupõe a estrutura fundamental da *pre-sença* caracterizada como ser-no-mundo. Pertence a esta estrutura a compreensão como existencial. A *pre-sença* já está desde

sempre junto a um mundo de relações, com as “coisas” e com os “outros”, segundo o modo da lida cotidiana, do ocupar-se no e com o mundo. *Pre-sença* e mundo mantêm desde sempre uma relação, que é primariamente lida, onde algo é *para* algo. Para que algo simplesmente dado apareça, e a partir deste aparecimento possa se concretizar uma atividade como o conhecimento teórico, é preciso que ocorra uma certa *deficiência* fundamental no “funcionamento” da lida. Para que a lida já não interesse mais é preciso que o mundo se torne outra coisa para a *pre-sença*. Para isso a atividade manual precisa “perder sua força”, “quebrar”. Isto se apresenta quando, por algum motivo, todo uso e manuseio tornou-se impossível para a *pre-sença* (porque, por exemplo, o instrumento literalmente quebrou, ou deu-se pela falta dele, ou é simplesmente inadequado, devendo ser substituído) restando-lhe apenas um caminho: *demorar-se junto ao manual que já não serve*. Algo atrapalha a ocupação restando à *pre-sença* apenas a possibilidade de demorar-se junto ao que não tem mais serventia... Este demorar-se não acaba com a lida e não faz da circunvisão manual (o modo de ver atido à práxis cotidiana e que direciona, orienta, a ação de lidar com as coisas) um simples resto, isto é, a *pre-sença*, voltando-se sobre si mesma procurará restaurar a atividade perturbada. Assim ocorre frequentemente na atividade manual: a *pre-sença* não se demora junto ao que não serve contemplativamente, buscando algum sentido neste ente.

A lida ou manualidade já direcionou seu olhar mais geral buscando uma saída ocupacional segundo suas possibilidades. O ser simplesmente dado, que na suspensão do uso e manejo, se mostra, não é trabalhado pela manualidade. Pois ele apareceu como o que *não serve*. Ele está aí, é, mas, desde a atividade manual, “não está”, pois ele não lhe interessa. Esta é a tendência própria do uso e manejo: voltar à ação que lhe é característica. Como exemplo, podemos dizer que o instrumento-martelo, sob o ponto de vista da manualidade, é tanto “mais” martelo, isto é, corresponde ao modo exemplar do instrumento (é para...), quanto “mais” ele desaparece como coisa em si, quanto “mais” ele nem for percebido como coisa por aquele que o manuseia. Ele apenas é conhecido na mão e desde a mão atida a um uso específico. Isto apenas significa que ele está completamente inserido no contexto manual.

Mas o uso manual não é a única forma de ocupação com o mundo. Demorar-se junto ao ente, ao que não “funciona” mais... é uma outra forma de ocupação. Quando ocorre uma deficiência abre-se para a *pre-sença* uma *nova possibilidade*: a do encontro da *pre-sença*

com o ente intramundano em sua pura *configuração* (*eidos*) e *como* modo dessa maneira de ser, é que se torna possível uma visualização explícita do que assim vem ao encontro. Essa visualização é sempre um direcionamento para..., um encarar o ente sim-

plesmente dado"¹¹.

Como podemos caracterizar esta possibilidade que se distingue da lida?

Encontrar o ente em sua pura configuração (idéia, visão, aspecto) é uma possibilidade de ocupação com regras próprias. Somente quando já não há mais nenhuma saída no âmbito da lida cotidiana é que surge a possibilidade de encontrar o "martelo" como "coisa-martelo", por exemplo. Estas situações pertencem à própria vida da *pre-sença* como ocupação. Somente quando todo produzir e manusear "falham" é que a *pre-sença* pode encarar o que assim vem ao encontro a partir de um outro modo de ser que vê o ente e a ele se direciona como algo simplesmente dado. Isto também é vital para a *pre-sença*, pois "visualizar" é também agir. A coisa-martelo, agora em foco, é como que um resíduo da experiência-martelo vivida desde a manualidade. Antes, o contexto de atividade, dentro do qual atuava o instrumento, era o que predominava; agora é o aspecto da coisa ali presente, destituída daquela conjuntura anterior, mas inserida numa outra possibilidade de ser. Um horizonte novo de encontro com a realidade abre-se sob novas bases. A experiência da "coisa que não pode ser usada", e que não é um nada, força a *pre-sença* a ter que se haver com o que está aí em seu modo de ser dado. Isto nos mostra o quanto "lidar com" e "encontrar o ser dado", "prática" e "teoria", compõem, cada

vez à sua maneira, possibilidades de ser da *pre-sença*.

Mas antes uma ressalva importante. Lida e metafísica são abordadas aqui como modos de ser da *pre-sença*. Precisamos evitar qualquer forma de interpretação que compreenda a passagem da lida para a atividade filosófica como uma sucessão de um estágio mais primitivo para outro mais evoluído. Não é este o caso. O homem sempre foi um ser pensante, mesmo no mais extremo mergulho em suas atividades corriqueiras, e sempre foi um ser ativo, mesmo na mais extrema quietude contemplativa. A preponderância de uma abordagem não elimina a outra. Ela continua coexistindo. Isto também não significa que lida e pensamento questionador sejam equivalentes, como uma moeda de mesmo valor a outra. Se, por um lado, não há uma lida, mas modos de lidar, bem como não há um pensamento, mas modos de pensar, por outro lado a *análise* da lida cotidiana nos possibilita uma visualização "arcaica", genética, do ser da *pre-sença*, antes de qualquer esclarecimento teórico. A lembrança constante da dualidade entre lida e pensamento - que é oposição e união - faz com que salientemos o aspecto fundamental do ser da *pre-sença* como possibilidade.

Como o que aí se dá, se apresenta para a *pre-sença*? Algo está aí e pode ser encarado sob um aspecto. Isto que está aí, o ser simplesmente dado, destituído de serventia, aparece sob os contornos de uma "idéia",

¹¹ ST, § 13, p.100.

marcando a "retina" do pensamento com sua forma ou impressão. Neste ideado, que sempre se mostra numa direção ou intenção, já ocorreu uma interpretação do dado que afetou a *pre-sença*. O ser simplesmente dado é apropriado pelo pensamento no esforço de esclarecimento desta interpretação prévia. As determinações possíveis do ente são exteriorizações desta experiência. Encarar é atividade de apropriação, não expressando nunca uma passividade. Algo está aí, afetando, perturbando. Este seu caráter de estar aí - isto deve nos chamar a atenção - não pode ser encoberto. Mas é preciso livrar-se deste incômodo. Semelhante situação exige da *pre-sença* um outro modo de abordagem distinto do lidar cotidiano, já que a lida não encontra nunca um ente isoladamente. Mas o pensamento o encontra, o experimenta como ali, "sozinho". É um encontro desconsolador. Por quê? Porque ao perguntar "o que é o ente" a *pre-sença* se sente convocada a uma tarefa exaustiva de buscar o ser deste ente, de fundamentá-lo.

Quando se encontrou o ente em sua configuração ou idéia, já assumiu a direção desta experiência a capacidade de teorizar, de refletir, de agir, de uma forma distinta da lida cotidiana. Como é isto? Nas palavras de Herder:

O homem revela reflexão quando o poder de sua alma atua tão livremente que pode segregar, de todo o oceano de sensações que se encapela através de todos os seus sentidos, *uma* onda,

por assim dizer; e pode deter esta onda, prestar-lhe atenção e ter consciência desta atenção. Revela reflexão quando, de todo sonho-devaneio, de imagens que se desencadeiam em seus sentidos, pode concentrar-se, num momento de vigília, e deter-se espontaneamente em *uma* imagem, observando-a com maior tranqüilidade e clareza, e abstrair características que lhe mostrem que *este*, e não outro, é o objeto. Assim, revela reflexão quando pode não só perceber, de um modo claro e preciso, todas as qualidades, mas também *reconhecer* uma ou várias dentre elas como qualidades distintas...¹².

Pensar o ente em sua configuração é seccioná-lo, isolá-lo da multiplicidade de percepções possíveis, isto é, reconhecê-lo ou recolocá-lo em seu ser a partir de uma intenção.

Esta ocupação confere ao pensamento reflexivo, que vê o ente em sua pura configuração, uma autonomia retirando de seu próprio procedimento as possibilidades instrumentais (conceitos, categorias) que determinam como o que aí está pode ser reconhecido em seu ser. A pura configuração é alcançada mediante o debate, as discussões acerca do ser do ente que culminam na conquista de conceitos fundamentais. Estes informam a todos acerca da constituição do ente em questão. Os conceitos mais puros são aqueles que expressam o fundamento do ente, o

¹² Cf. in CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica - ensaio sobre o homem*. Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1977, p.72.

ser, conceitos que demonstram o que permanece em todas as alterações dos entes. São as categorias. A *mão* (a atividade, a ação) é, *agora, esta teoria* que pode, em seu modo de ser, prescindir de todo caráter imediato de relação com os manuais, transformando a totalidade do real (e isto inclui o mundo instrumental) em "idéias", em seres intelectuais dotados de certa autonomia que podem ser distintamente analisados, independentemente das vicissitudes típicas da lida cotidiana, fornecendo uma compreensão ideal da realidade. Estas idéias, que encaram e orientam a apropriação do ser simplesmente dado, podem tornar-se presenças estáveis facilitando sua circulação como conceitos "positivos", como "coisas", nas lidas do pensamento. E elas podem, como idéias, reivindicar um lugar exclusivo de autoridade na compreensão da realidade. Isto acontece quando a própria atividade do pensamento deixa-se seduzir pelo caráter de ser simplesmente dado presente como possibilidade também nas formas ideais. É trabalho difícil para o pensamento manter-se constantemente na atenção do ente sem cochilar. Mas a compreensão, em seu sentido existencial, já nos ensinou que o pensamento só pode descobrir e determinar em seu ser o que já nos foi dado e no modo como já nos foi dado. Até que ponto o pensamento consegue se manter obediente a este ensinamento? Deixando esta pergunta em suspenso, voltemos ao momento em que surge a atividade metafísica.

Pensar é questionar. Desta forma a *pre-sença* visualiza para si tanto o real quanto a "si mesma" como problema, e também que os artifícios do pensamento detém um certo "fracasso", um certo "desespero", que pode ser revigorador da *pre-sença* ou estagnador, petrificador. Isto significa que a *pre-sença*, a partir deste modo de agir, tanto pode investigar cientemente as possibilidades dadas quanto se perder, se desorientar nestas mesmas possibilidades, na medida em que a autonomia do pensamento é exacerbada (só luz! Só conceito!) desconsiderando-se a experiência primária fornecida pela lida. Esta experiência nos mostra que pré-compreendemos o que o ente, cada vez, significa, para podermos com ele lidar; que antecipadamente já compreendemos o ser. O pensamento é a experiência necessária e consciente de um "fracasso" que não pode ser abandonado e nem experimentado com amargura.

O questionamento não pode encontrar o ente simplesmente dado como "nada". Ele o encontra como algo provocante, intrigante, inquietante. Mas este provocante tem de ser "manuseado intelectualmente". Para isso ele sempre já foi encontrado sob uma "forma", um ponto de vista, uma perspectiva, configuração, idéia. O ente: o que já foi, o que já apareceu para o pensamento *como isto ou aquilo*. Este ponto de vista – ponto de encontro – permanece o que deve ser questionado (buscado) pela *pre-sença* interrogadora: sob que ponto de vista se mostrou isto? O ente apa-

rece submetido, encaixado, num ponto de vista que é assumido-discutido-buscado filosoficamente. Descobriu-se que não há ente fora de uma perspectiva e que toda perspectiva nasce do e para o ente. Há tanto de ente quanto de ponto de vista. O pensar se converte, nesta experiência, num saber que assume como sua tarefa a percepção do aspecto segundo o qual tudo o que é se apresenta. Mas como esta percepção do ente foi, *em geral*, experimentada? Como percebe, pensa, *em geral*, a metafísica? O que interessa não é mais a multiplicidade de experiências próprias da lida manual, mas aquilo que pode ser captado ou destacado como constante pelo pensamento. O pensamento assim concebido é o pensamento desejoso de forma, de idéia, de ordenamento do caos das impressões. O ente está ali, dado, e provoca exigindo do pensamento que lhe confira o *status* da forma estável.

A reflexão busca construir um novo mundo. É preciso "familiarizar-se" intelectualmente com este mundo, pois o mundo cotidiano sempre foge a esta compreensão. Para isso é preciso privilegiar não mais o mundo imediato, mas um mundo supra-sensível, mundo que pode ser intelectualmente conhecido, isto é, que pode ajudar a ordenar o caos: o mundo das idéias. Nesta afirmação já está presente um rompimento com o mundo da lida. Quem quer se familiarizar é a atividade do intelecto por meio do questionamento, mas como uma atividade que quer, *em geral*, finalizar esta "enfadonha" tarefa de

ordenar o caos: questionar é buscar a ordem. Nela já está presente um desejo de conhecer a totalidade do ente. Algo aparece como "belo" e, então, o que é esta configuração, a beleza, que revela os entes como "belos"? Algo aparece como pólis e, então, o que é a pólis? Algo aparece como sapato e, então, o que é o sapato? Algo aparece como memória e, então, o que é a memória? Etc. Busca-se o ser de todo ente para validar tudo que é, e desta forma pode-se estabelecer convenientemente uma compreensão média válida para todos do ente. Nas palavras de Nietzsche: "Não 'conhecer', mas esquematizar, impor ao caos tanta regularidade e forma quanto satisfaça à nossa necessidade prática"¹³.

Mas como a idealização da realidade exterioriza o real? Ou, que *tendência* já está presente desde o mundo antigo em toda tentativa de pensar a realidade? A palavra "tendência" não tem meramente o significado de algum vício ou defeito que surge na idealização da realidade e que não deveria surgir. Esta "tendência" expressa antes um fenômeno que pertence à idealização do real, mesmo que como uma sombra. Como já salientamos, a atividade do pensamento não encontra solo seguro lidando com os entes que continuamente se modificam conforme as diversas lidas em que estão inseridos. Esta atividade busca sempre em suas conceitua-

¹³ FOGEL, Gilvan. "A articulação nietzschiana por verdade e conhecimento". In: *Revista filosófica Brasileira*, Departamento de Filosofia - UFRJ, vol. III, n. 1, julho de 1986, p. 74.

ções uma certa estabilidade, recorrendo da gama de fenômenos corriqueiros algo que interesse, limitando a realidade em definições para poder com elas lidar. As ferramentas do intelecto são os conceitos. No desenvolvimento de seu ser, assim concebido, a idéia de "idéia" primou por um certo afastamento da lida cotidiana e de sua fluidez, de sua instabilidade. Não se pode encontrar estabilidade, ordem, nas lidas cotidianas. É preciso eleger um tipo de lida em especial, aquela própria do pensamento conceitual. Diz-nos Ortega y Gasset, que "os conceitos puros, os *logoi*, constituem uma classe de seres imutáveis, perfeitos, exatos. A idéia de brancura não contém nada mais que o branco"¹⁴.

A idéia de pólis não contém nada mais do que a pólis destituída da cidade vivida e experimentada cotidianamente pelos cidadãos. O ideal da cidade é a cidade que ainda não existe, mas que deve ser buscada, construída nas diversas atividades dos cidadãos. É esta cidade ideal que serve de "padrão" para toda cidade, independentemente da cidade real com todos os seus percalços. A cidade imperfeita deve ceder lugar à perfeita. Assim também a idéia de beleza. O que significa "ideal", "perfeição"? O que aconteceu? No que a idéia se transformou? Em "categoria", em "forma" *a priori*. E o que não corresponde ou não pode corresponder a este ideal fica relegado a um se-

gundo plano. A idéia não expressa simplesmente um dever-ser, no sentido de que o real "deva" adequar-se à idéia, como o conteúdo ao continente, apesar de que, no geral, ela se tornou uma instância exclusiva de avaliação do real. Mas ela expressa *também* um vir-a-ser, um ideal, uma possibilidade de apropriação-compreensão. Será que este aspecto futuro, imanente ao pensamento metafísico, foi devidamente considerado pela tradição filosófica? Ou ficou-se preso à compreensão do ser como "ordenamento imutável", como presença estável, como ser simplesmente dado? Assim, o fato do ente ser concebido como idéia pertence à própria possibilidade do pensamento que quer compreender, controlar, limitar e comprometer-se com o real. Mas como se dá esse compromisso? Como as idéias são, em geral, compreendidas? Como uma classe de seres imutáveis. A eternidade da idéia é (ou pode ser) compreendida num tempo fixo, estável, imutável. O vir-a-ser é compreendido como um dever-ser que procura enquadrar a totalidade do ente num estado de imutabilidade, exatidão, perfeição. O problema que aqui se apresenta é o de como a "idéia", ou a atividade do pensamento que lhe pertence, foi compreendida. A realidade da idéia distanciou-se da realidade da vida. Esta outra, aqui expressa pela lida, tornou-se desqualificada, porque não atendia ao desejo intelectual de estabilidade, perfeição, ordem. Nesta situação, comum à metafísica, pode-se perceber que:

¹⁴ ORTEGA Y GASSET, Jose. *El tema de nuestro tiempo*. Ed. Espasa-Calpe, Buenos Aires, 1950, p. 62.

A missão do homem consiste em substituir o espontâneo pelo racional. Assim, segundo uma certa ordem intelectual, o indivíduo deve reprimir suas convicções espontâneas, que são só 'opiniões' - *doxa* -, e adotar em seu lugar os pensamentos da razão pura, que são o verdadeiro 'saber' - *episteme* -¹⁵.

Como o questionamento está sendo compreendido? Nele há um desejo de saber e conter o real neste saber. Mas não só isso. Por meio dele também entra no mundo do saber a "ignorância", o limite do saber, a força do "infinito" não saber, do que foge e em sua fuga permanece presente mantendo a própria vida do pensamento. Se por um lado pensar é adequar o ente na idéia, por outro, será que pensar é somente adequação, é somente enquadramento e submissão do ente a uma determinada idéia de ser? Se sim, ser e ente começam num abismo intransponível; se não, o modo tradicional da metafísica, de compreender a questão como um dizer como o ente deve se mostrar em seu ser, não deixa escapar algo? Com estas questões queremos apenas resguardar para o pensamento a possibilidade de pensar contra si próprio, e nesta contraposição "o que falta", o que "não é" para a metafísica *em geral*, pode ser co-pensado.

Mas, quando é que a idéia converteu-se em puros conceitos distantes da vida espontânea, do mundo das serventias? Esta tendência já apareceu no começo grego, como um efeito

colateral sempre possível. Contra ela sempre surgiram os conflitos de interpretações que exploraram as possibilidades do pensamento e geraram... novas idéias. De tal forma que esta tendência, bem humana, bem tentadora, própria da *pre-sença*, pertence também e sempre ao começo, ao ente. O ser simplesmente dado aparece ali como idéia, conceito, coisa, situação, enfim, ente. Contra ele e a partir dele, surge e vive a metafísica. O ente, já sempre dado, pode tornar-se "simplesmente" dado quando uma certa tensão original é aquietada. O surpreende do que é original é abafado. Isto sempre pode acontecer. É uma tendência e uma tentação, trocar as agruras da atividade pela segurança das idéias e suas formas. Junto com isso, o caráter de possibilidade-atividade da *pre-sença* pode ser substituído por determinada "idéia", e a realidade, num sentido extremo, transforma-se na ditadura da idéia, dos conceitos exatos, no vigor da estabilidade, da ordem constituída.

Estamos nestas linhas salientando um jogo que pertence originalmente à atividade de pensar. Ela significa ora a atividade "profissional" ou "técnica" que pertence à tradição filosófica de nomear e conquistar o ente, ora o próprio espírito humano que sempre se surpreende com o ente que aí está e que sempre de novo busca explicitá-lo.

4. A Atividade Filosófica

Uma idéia recebida, que foi um dia

¹⁵ ORTEGA Y GASSET, *ibidem*, p. 63.

forjada pela primeira vez e sua proveniência foi esquecida, converteu-se num ser simplesmente dado. Como se posicionar diante desta herança? A *pre-sença* já está sempre posicionada, colocada nesta situação. Aqui também se encontra a pergunta pelo seu próprio ser. Reduzir a idéia a algo dado é deixar-se conduzir pelas teias do ser simplesmente dado e tomar como sabido aquilo que desde sempre foi problema para toda filosofia: o ente. Em que sentido o real, o que "é", é problemático?

A atividade metafísica pergunta pelo porquê do ente: o que é isto? Ela não é uma atividade que pergunta sobre qualquer coisa, mas pela totalidade de tudo o que é. Isto é fundamental para compreender o sentido deste ente e sair da ignorância. Nesta atividade se concentra o último "por quê" que é também o primeiro, o perguntar pela totalidade de tudo que é, e não simplesmente por alguma particularidade. A tarefa metafísica é radical porque visa intencionalmente a totalidade. A tradição expressou esta atividade interrogadora em fórmulas: O que é o ente em sua totalidade? Por que há simplesmente o ente e não antes o nada? O pensar como questionar é teorizar. A teoria consiste em "visualizar a fisionomia em que aparece o vigente, vê-lo e por esta visão ficar sendo com ele"¹⁶. O que significa a permanência nesta proximidade teórica? Significa aquilo que é o princípio de todo saber e que nas pala-

avras de Ortega y Gasset pode ser assim expresso: "Surpreender-se, estranhar, é começar a entender"¹⁷. Não há co-nhecimento (co-nascimento) genuíno se não houver um balizamento a partir deste encontro intransponível. Será que a metafísica consegue sempre permanecer exaustivamente nesta sua tarefa? Este pensamento busca o ente, isto é, o ser do ente. O ente é percebido pelo questionamento como o que *resiste*. Ele intriga e provoca o pensar. Há o ente, não há o nada, não há o vazio... No questionamento radical desta hora espantosa em que a *pre-sença* se confronta com o ente e não consegue superá-lo em seu ser nasce a filosofia. Há uma tensão permanente. A hora da percepção da configuração do ente é a hora do pensamento e do homem e, como tal, para o grego, a hora da mais alta atividade, pois ela é querida por ela mesma e não pelos resultados que dela provém¹⁸. Enquanto o encontro com o ser ali dado permanecer nesta tensão, antes de uma possível interpretação deste ser afrouxá-la, isto que "é" tem um sentido altamente positivo: permite o encontro com a situação da *pre-sença* como o ente que tem como tarefa de seu ser uma busca contínua de seu ser. É o peso, a dor e a responsabilidade por uma situação insuperável. Aqui, a primazia do ser dado não é da ordem da obviedade, do "simplesmente", mas da

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. "Ciência e pensamento do sentido". Ed. Vozes, Petrópolis, 2002, p. 45.

¹⁷ ORTEGA Y GASSET. José. *A rebelião das massas*. Ed. Livro ibero-americano, Rio de Janeiro, 1962, p. 61.

¹⁸ ARISTOTLE. *Metaphysics*. I, 2. The Works of Aristotle, vol. I. Ed. Encyclopaedia Britannica, Chicago, 1952, p. 501.

possibilidade. Por isso, desafia continuamente todo o esforço do pensamento. Permanecer ali e não fugir sempre foi o projeto filosófico.

Na hora da filosofia o questionamento procura de todas as maneiras determinar o ente, apreendê-lo em suas possibilidades de ser. Ele é o provocante do questionamento, e este se alimenta da fé de poder um dia “pegá-lo” em sua totalidade. O ente tem, para o questionamento, um caráter inesgotável. É seu princípio e fim, o senhor que ensina a obedecer. É a única razão da filosofia, a mais alta atividade, a teoria por excelência.

Filosofar significa investigar: Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada? Investigar realmente essa questão significa: tentar ousadamente esgotar à força de investigações o inesgotável dessa questão, revelando aquilo que ela impõe a investigar. Onde qualquer coisa de semelhante ocorrer, há filosofia¹⁹.

A partir de alguma deficiência ocorre o encontro com o aspecto da coisa, com o que é, ocorre o encontro com o ente simplesmente dado que surpreende porque não “funciona” mais. Ele se apresenta de maneira distinta, exigindo um modo especial de lidar. Desta forma, desde a origem grega, o “dado” não ficou aí simplesmente, mas converteu-se em algo intrigante, converteu-se na chave ou no ponto de partida para os filósofos apreende-

rem a dinâmica da realidade, os princípios ou a unidade principial que forja este mundo surpreendente. Uma compreensão do ser deste dado, fornecida pela lida cotidiana com as coisas, sempre já houve e há. Mas a explicitação disto que já havia, sob a forma de entidades conceituais que ordenam o real ou, por outra, a compreensão explícita para todos disto que já sempre foi compreendido em todo uso (interpretar ou organizar aquilo que já sempre se compreendeu e como compreendeu), semelhante tarefa consciente pertence ao começo grego. O encontro com o ser simplesmente dado aí não foi e não é o encontro com o ente pela primeira vez, mas foi e é o ponto de partida para todo esforço metafísico, para todo esforço de destruição da metafísica, que não é nada mais que pensar de novo, repetir, fazer de novo o percurso da gênese do real.

Detendo-se junto ao ente manual que não funciona mais, a *pre-sença percebe* o ente simplesmente dado que aí está. Nesta situação desconfortante para a *pre-sença*, abriu-se a possibilidade, própria do pensamento metafísico, de “interpelar e discutir algo como algo”²⁰.

O que significa interpelar e discutir algo como algo? Significa “tentar esgotar, à força de investigações, o inesgotável desta questão”; significa tomar o ente como algo ali existente, sendo, e interpelá-lo, isto é, à força de discussões fazer com que ele se revele em seu ser, em seu funda-

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Ed. Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, 1969, p. 39.

²⁰ ST, § 13, p. 101.

mento. O ente não é nem ultrapassado nem esgotado. A *pre-sença*, percebendo o ente e sendo por ele perturbada, pois este “apareceu”, procura descobrir seu ser que está aí presente. Ela precisa descobrir o fundamento do ente, para livrar-se da “dor” do encontro espantoso, do encontro com o abismo inesgotável do ser. Desde o começo da filosofia houve sempre a tendência, bem humana, de escapar da tensão deste encontro.

O elemento distintivo do pensamento metafísico, elemento que erige o fundamento para o ente, reside no fato de, partindo do que se apresenta, representar a este em sua presença e assim o apresentar como fundado desde seu fundamento²¹.

Perguntando pelo ente, a metafísica (a filosofia) busca determinar seu ser, isto é, justificar a existência do ente, dar-lhe uma razão e um sentido. Enfim, um fundamento. O ente deve ser reapresentado a partir de um fundamento. O ente particular deve poder ser reconhecido a partir da compreensão de um “ente geral”. Ele não pode ser sem um porquê. Por isso a metafísica funda-se na confiança de poder alcançar o último porquê, isto é, o fundamento que possa responder e superar este encontro abissal com o enigma do ente. Mas esta possibilidade é também uma impossibilidade fundamental. Esta impossibilidade última, de poder esgotar o

inesgotável do ser, é sua própria vida. Não seria equivocada a idéia de considerarmos a metafísica como um trabalho que visa explicitamente a sua própria morte.

A metafísica quer convocar e provocar o que apareceu, o ente, e discuti-lo, determiná-lo como o ente que é. Mas ele já aconteceu. Por isso a metafísica sempre o determinou como “ente”, o que sempre já foi. E, o que é isto, que sempre já foi, o ente? A metafísica só pode responder a esta pergunta dentro dos limites do pensamento que lhe são peculiares e, conseqüentemente, dos limites instaurados por este mesmo esforço. Para responder a esta interrogação, o trabalho metafísico foi sempre um trabalho de fundamentação, visando explicitar o fundo sustentador de todo ente, da realidade presente, procurando a origem e proveniência deste ente, isto é, visando o ser do ente. Na busca do fundamento do ente, sua explicitação e elaboração, abriu-se para a *pre-sença* a possibilidade de descobrir *antecipadamente* o ser de tudo o que é. Conhecendo-se a base de tudo, pode-se conhecer, isto é, assegurar-se de tudo. Desta forma, a metafísica busca preencher, escamoteando e afastando, a angústia provocada pelo encontro abissal com o ente, que resiste a toda determinação, que escapa a todas as prisões racionais. De experiência de fascínio pelo inesgotável do ente, a filosofia converte-se em força de determinação do fundamento por meio de uma apropriação da linguagem para este fim. Ela então cristaliza esta busca

²¹ HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”. Col. Os Pensadores. Trad. Emildo Stein. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 71.

em nomes, conceitos, na idéia. Mas:

Mesmo quando a metafísica cai na tentação de preencher com um ente, ainda que seja o ente realíssimo, o ente supremo, o vazio do Nada, ainda assim não consegue exorcizá-lo de todo²².

Esta atividade teórica encontra no pensamento e na explicitação deste pensamento no discurso, a sua origem. Há também discurso no âmbito das relações que pertencem à lida. Mas lá o discurso não visa a uma fundamentação e retenção da totalidade do ente²³. Isto a filosofia assumiu, desde os primórdios, como sua tarefa particular. Cada época histórica corroborou de uma maneira própria esta tarefa de fundamentação.

A partir do encontro com o ser simplesmente dado, a lida não se tornou muda nem desapareceu. Ela também pergunta, mas não realiza o trabalho de interpelar e discutir algo como algo, o ente como e enquanto ente. Nela todo perguntar visa o uso e manejo, tem como horizonte determinado campo de atividades. Seu discurso e pensamento mantêm-se neste âmbito.

Mas na metafísica é diferente. O conjunto dos seres é agora uma composição de entes simplesmente dados que podem ser agrupados ou separados segundo diferentes aspectos e interpretações pensáveis.

²² CARNEIRO LEÃO, Emanuel. *Aprendendo a pensar*. Vol. II. "Metafísica e pensamento". Ed. Vozes, Petrópolis, 1992, p. 129.

²³ Cf. ST, § 33, p. 214-216.

Questionar o "dado" é buscar uma perspectiva para o reconhecimento de seu ser. No pensamento os entes são reunidos num conjunto pensável, a idéia. Desta forma o pensamento pode dar uma "resposta" à provocação do ente. A prática e a teoria agora são outras, esquecendo-se, em geral, as possibilidades de "pensamento" que a cotidianidade traz à tona. O "fazer", movimento gerador expresso na lida cotidiana, deu (ou pode dar) espaço ao "feito", ao ente como algo ali, e isto se tornar o centro das atenções para o pensamento filosófico. Assim, a filosofia pode tender em sua atividade para o "feito" e tornar-se um pensamento submetido às coisas simplesmente existentes, esquecendo a proveniência destas mesmas coisas. Mas o pensamento, na medida em que se pensa, pode também submeter-se ao "fazer" próprio que lhe pertence, à ação geradora de tudo o que é..., pois nele, de maneira especial, a *pre-sença* se depara ciente com seu ser como atividade.

Do ponto de vista da percepção de algo simplesmente dado, algo "quebrado", continua sendo *algo* que quebrou. Mas o que significa isto? Para a lida, algo "quebrado" é uma interrupção da atividade e, a partir disto, segundo seus meios, a origem de uma nova atividade. Seqüência e interrupção mantêm um elo que permanece no âmbito pré-conceitual. O existencial da circunvisão (*Umsicht*) tem em *Ser e tempo* a tarefa de orientar o procedimento da lida nesta situação. E a "nova ação" que daí

decorre permanece tão velha e familiar como antes. Já a ocupação do pensamento exige um princípio distinto: a *pre-sença* se depara com algo provocante e quer torná-lo familiar para o pensamento, pois é este que se sente perturbado diante do que não entende, do que ainda não soube controlar. Daí então a necessidade de explicá-lo, fundá-lo. A *pre-sença* parte de uma separação (*pre-sença* - ser dado) visando uma uniformidade que nunca atinge seu fim absoluto. E ela, neste seu e como seu modo de ser, vive disto. Mas ela tem sua própria deficiência. O que "quebra" a ocupação da metafísica é o que resiste ao pensamento, o que foge às suas interpelações e que permanece como um intrigante "não-ser" em tudo o que é pensado. O "não" de todo "ser". A resistência do ente atesta a existência de "algo" que não é simplesmente dado. Esta experiência traz à tona, como desafio para o pensamento, a outra face de todo saber como algo que pertence essencialmente ao ser da *pre-sença*.

Nem Deus nem o animal têm esta condição. Deus sabe tudo e por isso não conhece. O animal não sabe nada e por isso também não conhece. Mas o homem é a insuficiência vivente, o homem necessita saber, perceber desesperadamente que ignora. É isto o que convém analisar. Por que ao homem lhe dói sua ignorância, como poderia doer-lhe um membro que nunca houvera tido?²⁴.

²⁴ ORTEGA Y GASSET, José. *Que é filosofia?* Ed. Livro ibero-americano, Rio de Janeiro, 1961, p.80.

A realidade desta negatividade pode ser visualizada a partir da necessidade bem humana de constantemente dizer o ser, de afirmá-lo, dominá-lo, esclarecê-lo contra o fluxo do não-ser. Esta dualidade aparece no encontro com o ser ali dado. Nela algo não pensado mas essencial condena a metafísica a um fracasso, que não deve ser visto com amargura. Na consciência deste fracasso o ente torna-se cada vez mais problemático. Não se quer com isso lamentar a atividade do pensamento, mas questioná-la como possibilidade de ser. Até que ponto a metafísica teve olhos para o impensável? E como este não-ser a mantém? Pois um modo de pensar, quando se torna "idéia imutável, lei para todos", converte-se como ser "simplesmente" dado num modo dominante. E com isso passa-se por cima do modo de ser da *pre-sença* como possibilidade para...

A lida corresponde a um *não-ser* para o questionamento filosófico em geral, pois o ver que lhe direciona os movimentos não vê o aspecto da coisa em sua configuração. Mas já sempre viu e compreendeu o conjunto, o "como" que inclui um "de onde" e "para onde" tudo está sendo encaminhado. No entanto, foi precisamente por este não-ser que o ente, pela primeira vez, pôde ser encontrado. Foi por meio deste modo de ser, expresso na atividade manual, que a *pre-sença* já sempre encontrou as coisas e pode então "vê-las", discuti-las como coisas ali dadas. A lida é cega à coisa em sua configuração, pois vê a partir da serventia. Nela, a atividade é o

“sujeito” da ação. E esta atividade é “modo” de ser, é plural, pois expressa o ser de toda atividade que pertence à *pre-sença* sem eleger “uma” atividade específica.

No questionamento filosófico a ação é o próprio ato do pensamento que procura apreender e determinar o aspecto do ente. Neste esforço, o aspecto pode ser institucionalizado, convertendo-se em patrimônio para todos. Aquilo que foi o “resultado”, a colheita de um imenso esforço-atividade de pensar adquire um lugar em meio a todos, um “lugar no espaço”, mesmo que seja no “espaço do pensamento”. Aquilo que foi conquistado assume uma certa autonomia, um brilho sedutor. Diante da pergunta pela beleza, uma resposta acerca da beleza conforta e impulsiona os “artistas” a repeti-la e não a reinventá-la; diante da pergunta pela justiça, uma certa resposta é aceita e aplicada no ordenamento social; diante da pergunta pela pólis, uma certa compreensão pode se instaurar, e ser o determinante de tudo o que é cidadão, etc. Na atividade do pensamento sempre se almejam as “idéias” de alguma forma. Mas quando elas se institucionalizam, algo, como que, se afrouxa. O quê? O esforço do próprio pensar, o trabalho de determinação ou explicação do ente que surge como enigmático. Quando já se sabe o que é o ente, para que procurar? Em toda procura pelo ser do ente, corre-se sempre a tentação de pôr algo feito, uma determinada cristalização da busca pelo ser do ente, como o fundamento, e daí, como o

fim buscado. Desta forma o termo “ser simplesmente dado” aponta para uma cristalização do que foi genuinamente conquistado, isto é, um afrouxamento em relação à proveniência de tudo o que é dado. O fato de começarmos com o ser simplesmente dado, pelo “evidente”, não significa que ele seja a única ou decisiva instância para a “compreensão” da realidade.

5. Conclusão

Em Heidegger, este movimento de determinação da totalidade do ente e conseqüente “sucesso”, é chamado de esquecimento do ser. Quando o fim foi pretensamente atingido, há um afrouxamento da busca e uma sedução pelo feito. Esta sedução é uma tentação sempre possível para a *pre-sença*, pois por meio dela ela pode acreditar que se livra do peso de seu ser. Esta tentação é também a tendência histórica do ocidente. “Esquecimento” significa: não fazer mais o caminho da origem, o percurso de nascimento da problemática da questão assumida pela metafísica. Podemos então perceber o lugar a partir de onde Heidegger pensa a sua destruição da metafísica. Também podemos perceber o privilégio “ontológico” que detém uma descrição da lida cotidiana, como modo de ser mais geral da *pre-sença*.

Como a atividade do pensamento, *geralmente*, tradicionalmente, interpretou o ser? Como essência ou substância que informa o ser do ente, e que, de certa forma, se distingue

dele. Como um "gênero" que, por meio de suas propriedades, descreve como o ente deve ser apresentado e ser mostrado para todos. Aparece uma dicotomia entre ser e ente e o próprio ser é compreendido como um ente mais geral, uma causa. Desta forma o próprio ser é visto como simplesmente dado, como evidente, óbvio, necessário. Mas como isto foi possível? Uma certa compreensão se instaurou desde o começo da tradição filosófica, compreensão que interpretou a proveniência do ente como "essência" (*ousía*), como o que não se modifica em todas as modificações possíveis do ente. Esta interpretação se instaurou a partir da compreensão do tempo desde o presente, do agora, como o tempo privilegiado do ser, desdenhando assim a mutabilidade própria do ente. O pré-ente é a imutabilidade do que é, do ente, a permanência do que "foi" (*ontos*) sobre todo vir a ser. O pensamento, tradicionalmente, sempre se revoltou contra o vir a ser, contra o tempo que passa, que leva e traz, que muda. Contra ele os edifícios das idéias, dos seres simplesmente dados.

Quando a teoria não tem mais olhos para ver aquilo que a experiência manual mostra, o ser como atividade de vir a ser cada vez, ela apenas considera como único índice de identificação do real as possibilidades de fixação em leis do ser. Sucintamente, uma ocupação possível da *pre-sença* torna-se a ocupação exclusiva, e a própria ocupação do pensamento exime-se de lutar contra si mesma. O excesso de luz cega.

Diante das moradas estabelecidas que assediam e seduzem a *pre-sença*, a filosofia responde sempre de novo, recordando o lugar e a pátria desde onde toda *pre-sença* pode sempre de novo encontrar seu intransferível caminho: a atitude questionadora. Nos lembra que nenhuma obviedade, nenhuma instituição ou conhecimento estabelecido pode livrar a *pre-sença* desta tarefa e soterrar completamente a fé nas possibilidades do questionamento. "O questionar é a piedade do pensamento"²⁵.

²⁵ HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. A questão da técnica. *Op. Cit.*, p. 38.

Referências Bibliográficas

ARISTOTLE. *Metaphysics*. I, 2. The Works of Aristotle, v. I. Ed. Encyclopaedia Britannica, Chicago, 1952.

CARNEIRO LEÃO, Emanuel. *Aprendendo a pensar*. Vol. II. "Metafísica e pensamento". Ed. Vozes, Petrópolis, 1992.

CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica - ensaio sobre o homem*. Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1977.

FOGEL, Gilvan. "A articulação nietzschiana por verdade e conhecimento". In: *Revista filosófica Brasileira*, Departamento de Filosofia - UFRJ, vol. III, n. 1, julho de 1986, p. 74.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti-Schuback. Parte I e II. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988.

_____. *Interprétation phénoménologique de la 'Critique de la raison pure' de Kant*. Ed. Gallimard, Paris, 1982.

_____. *Introdução à metafísica* Trad. Emanuel Carneiro Leão. Ed. Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, 1969.

_____. *Conferências e escritos filosóficos*. "O fim da filosofia e a tarefa do pensamento". Col. Os Pensadores. Trad. Ernildo Stein. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983.

_____. *Ensaio e conferências*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

ORTEGA Y GASSET, Jose. *El tema de nuestro tiempo*. Ed. Espasa-Calpe, Buenos Aires, 1950.

_____. *A rebelião das massas*. Ed. Livro ibero-americano, Rio de Janeiro, 1962.

_____. *Que é filosofia?* Ed. Livro ibero-americano, Rio de Janeiro, 1961.